



Diálogos

<http://dx.doi.org/10.4025/dialogos.v20i3>

ISSN 2177-2940
(Online)

ISSN 1415-9945
(Impresso)

A poesia política de Walther von der Vogelweide e a Questão das Investiduras

<http://dx.doi.org/10.4025/dialogos.v20i3.33466>

Cybele Crossetti de Almeida

Professora Adjunta de História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ccrossetti@gmail.com

Daniele Gallindo Gonçalves Silva,

Professora Adjunta de Língua e Literatura Alemã na Universidade Federal de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas, danigallindo@yahoo.de

Palavras Chave:

Poesia Alemã Medieval; Walther von der Vogelweide; Questão das Investiduras

Keywords:

German medieval poetry; Walther von der Vogelweide; Investiture Controversy

Palabras clave:

Poesía Alemana Medieval; Walther von der Vogelweide; Cuestión de las Investiduras.

Resumo

Tendo como base a produção poética de Walther von der Vogelweide, o presente artigo discute a representação da temática política nas cantigas do trovador alemão. Para tanto, propomos um diálogo entre Literatura e História, mais especificamente, entre as cantigas de Walther e a da Questão das Investiduras.

Abstract

The political Poetry by Walther von der Vogelweide and the Investiture Controversy

Based on the poetic production by Walther von der Vogelweide, this article discusses the representation of the political theme in the songs of the German troubadour. Therefore, we propose a dialogue between Literature and History, more specifically, among the songs by Walther and the Investiture Controversy.

Resumen

La poesía política de Walther von der Vogelweide y las cuestiones de las Investiduras

Teniendo en cuenta la producción poética de Walther von der Vogelweide, este artículo discute la representación de la temática política en las cantigas del trovador alemán. Portanto proponemos un dialogo entre la Literatura e Historia, más especificamente entre las cantigas de Walther y de la Cuestión de las Investiduras

Que a música pode ser um instrumento poderoso para a propagação de ideias, especialmente no campo da política, é um fato de conhecimento geral. Basta lembrar, nesse momento em que várias ditaduras são discutidas no Brasil e na América Latina, os destinos de cantores e compositores como os chilenos Violeta Parra e Vitor Jara, do brasileiro Geraldo Vandré (cf. CAMARGO, 2011), para ficar apenas com os casos nos quais a punição e retaliação das ditaduras contra seus opositores “musicais” foi mais grave ou drástica.

A música também foi um importante veículo de comunicação e mobilização de opiniões no período medieval (GAUVARD, 2008, p. 30-31). Para Castela medieval são bem conhecidas as Cantigas de Santa Maria, de Afonso X, como instrumento da propaganda do rei sábio (cf. KLEINE, 2002; KLEINE, 2013). Para a Inglaterra medieval um fenômeno similar é analisado por José Roberto de Almeida Mello em “Poesia política e relações anglo-francesas no século XIII” (cf. MELLO, 1988). Neste texto, o autor demonstra como as “canções políticas” (*political songs*)¹, produzidas na Inglaterra dos séculos XIII e XIV, vão gradualmente “mudando o tom” e os temas, acompanhando a agenda dos conflitos entre as monarquias inglesas e francesa, e ainda da Inglaterra com os seus vizinhos mais próximos, como a Escócia. Desse modo essas canções, inicialmente predominantemente satíricas, acabam por desempenhar um importante papel no convencimento da população inglesa a respeito da necessidade de apoiar seus reis e nobres envolvidos no conflito com a França, em pleno momento de disputa do chamado império

angevino, um dos mais importantes fatores para a posterior deflagração da guerra dos Cem Anos (longo conflito entre França e Inglaterra, que acabou envolvendo também outros reinos europeus, como Castela, Portugal, Escócia etc., cf. CONTAMINE, 1992; CHÉDEVILLE, 1996). Segundo José Rivair Macedo, “[a] Guerra dos Cem Anos implicou o engajamento político de poetas, tratadistas e propagandistas das dinastias dos dois lados do Canal da Mancha” (MACEDO, 1990, p. 53).

Neste ensaio pretendemos discutir um fenômeno semelhante, embora menos abrangente, se considerarmos os atores envolvidos. Trata-se de analisar parte da vasta produção poética de Walther von der Vogelweide (ca. 1170-1230) – um dos mais famosos compositores alemães da Idade Média e um dos mais conhecidos músicos deste período (BUMKE, 1996; SCHULZE, 2003b) –, analisando especificamente os seus posicionamentos em relação às disputas entre o Sacro Império e o papado, no contexto da questão das investiduras e as lutas entre as dinastias Welf e Hohenstaufen nos séculos XII e XIII. Nessas obras a temática política entrava pela primeira vez no estilo Sangspruchdichtung, como será mostrado mais adiante, sendo esse um dos vários aspectos pelos quais o trabalho de Walther von der Vogelweide merece ser conhecido, uma vez que, dessa maneira, esse estilo é inserido na tradição europeia dos *political songs* dos séculos XIII, XIV e XV (HEINEN, 2001, p. 526). Também Gibbs e Johnson referem-se aos poemas políticos (*political poems*, GIBBS; JOHNSON, 2002, p. 268) de Walther, que, na sua interpretação, “quase certamente

¹ Mello considera esse conceito - clássico - um tanto genérico e impreciso, MELLO, 1988, p. 200. Mas, como bem sabemos, por vezes é necessário recorrer a esse tipo de conceito, útil exatamente por ser um tanto genérico. Sem maiores polêmicas vemos o conceito de *political songs* ou seu equivalente *chansons politiques* - embora com menos ênfase do que em Mello - sendo utilizado por diferentes autores, para diferentes - mas semelhantes - contextos. É o caso, por exemplo, de Claude Gauvard, que afirma que: “Desde o século XII os trovadores compunham os *sirventes*, canções políticas em occitano, que constituem o grupo mais antigo e melhor conhecido de textos de propaganda política”, GAUVARD, 2008, p. 43 (no original: “Dès le XIIe siècle, les troubadours composent des *sirventes*, chansons politiques en occitan, qui constituent le groupe le plus ancien et le mieux connu des textes de propagande politique”). Todas as traduções, do inglês, francês e alemão (inclusive do médio-alto-alemão), neste artigo são de nossa autoria.

destinavam-se a ser cantados”².

A questão das investiduras³, que nosso autor vivenciava entre os séculos XII e XIII, já havia iniciado no século XI, com as disputas entre Henrique IV, imperador da dinastia sálica, e o papa Gregório VII, tendo como um dos seus eixos centrais a questão da nomeação de membros do clero por leigos (especialmente pelos reis), prática antiga na cristandade europeia, mas que a igreja se esforçava por encerrar. E embora, tecnicamente, esse conflito tenha sido resolvido em 1122 com a Concordata de Worms, seus desdobramentos recobrem – com maior ou menor intensidade – todo o período medieval, envolvendo desde disputas internas nas cidades do norte da Itália (entre os chamados ‘partidos’ guelfos e gibelinos) e também nos territórios da Alemanha, onde a nobreza e o clero tiraram partido das disputas entre os imperadores e papado para consolidar suas posições e ambições.

Especialmente as disputas entre as duas poderosas dinastias tiveram, no final do século XII e início do XIII, um ponto crítico com a dupla eleição, em 1198, de Felipe da Suábia (irmão do imperador Henrique VI e filho mais novo de Frederico I. Barbarossa, da dinastia Hohenstaufen) e Otto IV de Braunschweig (terceiro filho de Henrique, o Leão, da dinastia Welf). Essa situação foi encerrada, parcialmente, em 1208 com o assassinato de Felipe da Suábia, em um momento em que as chances deste em sobrepujar seu rival, Otto IV, pareciam especialmente favoráveis.

O encerramento deste pequeno ato no grande drama da questão das investiduras⁴ foi, após a morte de Felipe e a concentração de poder nas mãos de Otto, a crescente desmoralização deste, agora único governante, e a ascensão, novamente, de um representante da família Hohenstaufen ao poder com Frederico II (filho de Henrique VI e neto de Frederico I. Barbarossa), chamado – por sua singularidade, atestada em diferentes campos – *stupor mundi*.

Em meio às lutas e tramas pelo poder envolvidas neste conflito, relativamente pouca atenção tem sido dada para a participação de um *Minnesänger*⁵: Walther von der Vogelweide. Embora pouco seja conhecido sobre ele enquanto indivíduo – como é bem comum com músicos, compositores e mesmo cronistas medievais – muitas de suas composições foram preservadas e fizeram tanto sucesso na época que é considerado “o maior poeta medieval de língua alemã”⁶ (BRUNNER, 2007, p. 179). Como afirmado por Kurt Ruh, “sua extraordinária importância já testemunham os contemporâneos; isso se comprova na tradição e recepção”⁷ (RUH, 2010, p. 666). Uma das formas de se comprovar sua maestria pode ser encontrada na obra em verso intitulada *Wartburgkrieg* (séc. XIII). Nesta, é encenada uma competição entre *Minnesänger*, alguns com produção (re)conhecida e outros ficcionais, na corte de Hermann I. da Turíngia, da qual Walther sai vencedor (cf. *Der Wartburgkrieg*, 1858⁸; WACHINGER, 2010).

A representação de Walther von der

² No original: “almost certainly intend to be sung”, GIBBS; JOHNSON, 2002, p. 237.

³ Há uma vasta bibliografia sobre esse tema. Vide, por exemplo, BÜHRER-THIERRY, 2009; NOVIKOFF, 2008, p. 183-196; COLISH, 1999, p. 336s.

⁴ A dupla eleição foi o motivo para uma intervenção mais direta do papado nos negócios do império, com o papa Inocêncio III se colocando como árbitro entre os dois reis eleitos.

⁵ Termo correlato à figura do trovador galego-português.

⁶ No original: “der größte Lieddichter des Mittelalters”.

⁷ No original: “Seine herausragende Bedeutung bezeugen bereits die Zeitgenossen; sie bestätigt sich in der Überlieferung und Rezeption”.

⁸ Acerca dos manuscritos cf. <http://www.handschriftencensus.de/werke/417> Acessado em 03 de março de 2016.

Vogelweide encontrada no Codex Manesse (cf. Figura 1) referencia em forma de imagem os cinco primeiros versos da cantiga “*Ich saz uf eime steine*” (*Reichsklage*, L 8, 4). Nesta, o eu-lírico apresenta-se em posição reflexiva (trecho abaixo) e inicia sua crítica a atual situação de fragmentação do império.

*Ich saz uf eime steine,
und dāhte bein mit beine,
dar uf satz ich den ellenbogen;
ich bete in mine hant gesmogen
daz keinne und ein min wange.
dō dāhte ich mir vil ange
wie man zer welte solte leben;
deheinen rāt kond ich gegeben,
wie man driu dinc erwurbe,
der keines niht verdurbe.
dū zwei sind ēre und varnde
guot,
daz dicke ein ander schaden
tuot;
das dritte ist gotes hulde,
der zwoer übergulde.
die wolte ich gerne in einen
schrin.
jā leider, desn mac niht sîn,
daz guot und weltlich ēre
und gotes hulde mēre
zesame in ein herze komen.
stīg unde wege sint in benomen:
untriuwe ist in der sāze,
gevalt vert uf der strāze:
fride unde reht sint sere wunt.
dū drin enhabent geleites niht,
dū zwei enwerden ē gesunt. (L 8, 4)⁹*

Eu sentei sobre uma pedra
e cobri perna com perna,
sobre elas apoiei o cotovelo,
sobre a mão aninhei
o queixo e minha bochecha.
pensei cuidadosamente por
muito tempo
como viver no mundo.
mas não soube aconselhar em
como ganhar três coisas
sem as destruir
duas são honra e bens terrenos
que uma a outra prejudicam
a graça de Deus é a terceira
que sobrepõe-se as outras
duas.
dentro de um cofre, eu as
queria
infelizmente não faz sentido
que os bens e a honra
mundana
e mais ainda a graça de Deus
se encontrem num só coração
estrada e ponte lhes estão
tomados
a traição está de tocaia
a violência domina a estrada
a paz e o direito estão feridos
os três não têm segurança
se os dois não estão saudáveis.

E é exatamente na utilização de temas políticos pela primeira vez nos *Sangspruchdichtungen*¹⁰ que reside, segundo Ulrich Baltzer, a grande originalidade de Walther von der Vogelweide (BALTZER, 1991, p. 119). Também Ursula Schulze destaca esse aspecto e afirma que Walther representa um ponto alto

(*Höhepunkt*) desse estilo, para o qual “ele criou modelos, que as gerações seguintes [...] seguiram e modificaram”¹¹ (SCHULZE, 2003a, p. 2145), especialmente com a introdução da controvérsia *Imperium versus Sacerdotium* nesse estilo de poesia, marcada na cantiga pelos três aspectos elencados como sendo fundamentais: “*ēre und varnde guot*” (honra e posses) e “*gotes hulde*” (graça de Deus). Vemos aqui não somente uma relação de subordinação entre o terreno e o divino, mas também um apelo para que haja a harmonia entre os três elementos.



Figura 1: Codex Manesse, (Vogelweide).

Em várias de suas obras Walther lamenta

⁹ A edição aqui utilizada é: LACHMANN, 1827. Para tanto todos as cantigas citados serão identificados da seguinte forma: L 8,4. Leia-se Lachmann, página 8, verso 4.

¹⁰ A terminologia *Spruchdichtung* foi criada no século XIX por Karl Simrock (1833), que, todavia, não faz juz ao caráter de canção desse tipo de cantiga, sendo este posteriormente substituído por *Sangspruchdichtung* vide SCHULZE, 2003a, p. 2144). Esse tipo de cantiga medieval, segundo Rüdiger Brandt, consiste, na maioria das vezes, em uma estrofe, geralmente longa, e foram compostos, em geral, por trovadores de profissão (*Berufsautoren*) e versando “principalmente acerca de todos os temas laicos e religiosos” (“prinzipiell zu allen weltlichen und religiösen Themen”, BRANDT, 1999, p. 258). Mais informações sobre esse gênero da poesia medieval alemã cf. BUMKE, 2000, p. 314-318.

¹¹ No original: “Er schuf Modelle, die nachfolgenden Generationen [...] aufgenommen und modifiziert haben”.

a situação do reino e critica os governantes e, principalmente, a atuação da igreja e do papa nesses conflitos, como é visível na *Weltklage* (L 8, 28) e na *Kirchenklage* (L 9, 19). Nestas obras o poeta aponta para a desordem e o caos no império, instaurados, em grande parte, pela própria igreja de Roma, como se pode confirmar no trecho a seguir.

[...] <i>ze Rôme hôrte ich liegen und zwêne kûnege triegen. dâ von huop sich der meiste strît, der ê wart oder iemer sît, dô sich begunden zwêien die pfaffen unde leien. [...] (L 9, 16)</i>	[...] em Roma, ouvi como mentiam e enganavam dois reis. com isso veio a grande disputa que já foi ou será quando se dividiram leigos e laicos. [...]
--	--

Pretendemos destacar destas produções de Walther¹² aquelas que mencionam os personagens do conflito acima descrito, que – embora mostrando a independência de espírito do compositor, bem como a necessidade deste de encontrar um mecenas e suas decepções nesta busca – evidenciam, ao final, uma tomada de posição a favor dos Staufen e, em particular, de Frederico II.

Todavia, algumas das cantigas de Walther apoiam Otto IV, da dinastia Welf, que se opôs aos Staufen: primeiro a Felipe da Suábia, depois ao próprio Frederico II. Como, então, explicar esta aparente contradição ou mudança de posição? Seria ela fruto de mero oportunismo, resultado da busca de apoio dos grandes por um compositor errante – “*fahrender Sânger*” (RUH, 2010, p. 670) – em busca de patrocínio? Pensamos que não. Porque, embora do ponto de vista da política interna – em relação às disputas de poder no Império – Walther tenha, em diferentes momentos, apoiado os dois lados rivais do conflito, ele, coerente e corajosamente, mantém a sua posição contra a igreja de Roma – especialmente contra o papa Inocência III, um dos papas mais poderosos da Idade Média, responsável pela convocação do IV. Concílio de Latrão, a Inquisição¹³ etc.

A crítica de Walter a Inocência III é explícita e evidencia a atuação política desse papa e sua interferência nos negócios do reino, já que ele também muda o seu apoio: primeiro apoiando (e posteriormente coroando como imperador) Otto IV, em detrimento de Felipe, depois apoiando Frederico II em detrimento de Otto. Sendo assim, juntamente às preocupações em ter um mecenas, a causa maior de Walther, neste caso, parece ter sido a do reino/império¹⁴

¹² A edição organizada por Günther Schweikle, de acordo com a primeira edição de Karl Lachmann (1827), divide a *Sangspruchdichtung* de Walther em grupos temáticos: *Reichston*, *Erster Philippston*, *Zweiter Philippston*, *Ottenton*, *König-Friedrichs-Ton*, *Unmutston*, *Unmutston-Varianten*, *Kaiser-Friedrichs-Ton/Engelbrechtston*, *Kaiser-Friedrichs-Ton*, *König-Heinrichs-Ton*, *Wiener Hofston*, *Atzeton*, *Leopoldston*, *Meißnerton*, *Bognerton* e *Einzelstrophen* (estrofes soltas) (WALTHER VON DER VOGELWEIDE, 1994). Para uma visão geral das cantigas e uma crítica a algumas de suas denominações tradicionais, vide HATTO, 1949, p. 551-552.

¹³ E a inquisição estava também atenta à utilização de músicas e poesias como forma de crítica ou propaganda, como evidencia um caso analisado por Martin Aurell, em que um habitante da cidade de Toulouse é convocado em 1274 ao tribunal da inquisição em sua cidade, “acusado de possuir um livro com a canção *Rome la traîtresse*, que o trovador Guilhem Figueira havia composto em 1227, cerca de 50 anos antes, para apoiar a luta de Frederico II (1198-1250) contra o papado” (no original: “accusé de posséder un livre avec la chanson *Rome la traîtresse* que le troubadour Guilhem Figueira avait composée, en 1227, une cinquantaine d’années auparavant, pour soutenir la lutte de Frédéric II (1198-1250) contre la papauté”), AURELL, 2007, p. 26. Aliás, o próprio Figueira teve várias de suas canções condenadas pela inquisição, vide THROOP, 1938, p. 388.

¹⁴ A atual Alemanha compunha, juntamente com outros territórios, como parte da Itália, a Boêmia etc, o chamado Sacro Império. Seus governantes eram primeiramente eleitos como reis alemães e, posteriormente, normalmente, coroados pelo papa como imperadores do Sacro Império, em uma tradição que remonta a Carlos Magno. O acréscimo do título *sacrum* ao império remonta, segundo Kantorowicz, ao imperador Frederico I. Barbarossa, vide KANTOROWICZ, 1998, p. 133.

contra as investidas do papado. Isso fica particularmente claro nos seguintes versos:

*Abî, wie kristenliche nû der
bâbest lachet, swenne er sînen
Walhen seit, ich hânz alsô
gemachet!
(Daz er dâ seit, des solt er
niemer hân gedâbt).
Er gibt, ich hân zwenne
Allamân undr eine krône
brâbt,
daz si daz rîche suln staren
und wâsten.
Ie dar under fülle ich die
kasten:
ich hân si an mînen stoc
gemenet, ir guot ist allez mîn:
ir tiuschez silber vert in
mînen welschen schrîn.
Ir pfaffen, ezzet hüener unde
trînet wîn,
unde lât die tiuschen <....>
vâsten. (L 34, 4)*

Ah, como o papa ri de
uma maneira cristã,
quando ele diz para os
seus italianos: 'eu fiz muito
bem'
(e isso que ele diz ele não
deveria nem pensar).
Ele diz: 'coloquei dois
alemães sob uma Coroa,
para que eles destruam e
arrastem o império.
Enquanto isso eu encho
os cofres:
eu os conduzi ao meu
ofertório, os seus bens
todos me pertencem;
a prata alemã vem para o
meu cofre estrangeiro.
Vocês, clérigos, comam
galinhas e bebam vinho,
e deixem que os [leigos]
alemães jejem

Mas a atitude crítica de Walther com relação à Roma não se resume apenas à condenação da atuação concreta de um ou outro papa, mas se estende à própria base teórica na qual o papado pretendia sustentar o seu poder: a espúria Doação de Constantino¹⁵, como podemos perceber no trecho a seguir:

*Künic Constantîn der gap
sô vil,
als ich ez in bescheiden wil,
dem stuol ze Rôme, sper,
kriuzze und krône;
zehant der engel lûte schrê:
'onê, onê, zem dritten
onê!' (L 25, 11-13)*

Rei Constantino, que
tanto doou,
como eu quero dizer-
lhes,
à cadeira de Roma:
lança, cruz e a coroa.
e logo gritou alto o
anjo:
'ai, ai, pela terceira vez
ai!'

Hatto, apesar de seus inegáveis méritos,

reduz toda a problemática à questão do mecenas e assim minimiza esse problema sugerindo que, caso houvesse apoio, Walther eventualmente poderia ter composto canções a favor do papa, e não contra ele (HATTO, 1949, p. 551). Esse autor também descartada, a nosso ver muito superficialmente, em uma nota de final de texto e sem maior problematização o que ele chama envolvimento “pseudo-patriótico” de Walther com questões políticas (HATTO, 1949, p. 553). Mas, além da crítica à interferência do papado nos negócios do império, fica clara a postura que Len Scales define como “highly patriotic” ao distinguir os alemães como um grupo (SCALES, 2012, p. 456 e 481) especialmente sujeito à rapina de Roma.

*Saget an, hêr Stoc, hât iuch der
bâbest her gesendet,*

*daz ir in rîchet und uns
Tiuschen ermet unde swendet?*

[...]

*Ich wâne, des silbers wênic
kumt ze helfe in gotes lant:*

*grôzen hort zerteilet selten
pfaffen hant.*

*Hêr Stoc, ir sât uf schaden her
gesant,*

*daz ir ûz tiuschen luten
suochet tarinnen und narren.
(L 34, 14)*

Diga, Senhor Ofertório, o
papa o mandou
para que o senhor o
enriqueça e faça a nós,
alemães, pobres e
definhados?

[...]

Penso que da [nossa]
prata pouca ajuda chega à
Terra Santa,
pois os clérigos não
costumam doar grandes
tesouros.

Senhor Ofertório, o
senhor foi mandado
para trazer prejuízos e
procurar, entre nós,
alemães, tolos e palhaços.

Desta forma, as cantigas acima analisadas “testemunham seus ataques sem limite contra o papa, a quem ele representa como corrupto ambicioso e esbanjador”¹⁶ (BUMKE, 2000, p. 131-132).

Em outra cantiga, o *Phillipston* (L 18, 29), Walther defende o direito de Felipe da Suábia a usar a coroa, pois, embora a coroa carregue

¹⁵ A crítica à Doação de Constantino no Sacro Império é anterior à própria questão das investiduras e remonta à época da sua primeira dinastia, com Otto III (neto do fundador da dinastia ottoniana). Sobre esse tema vide MIETHKE, 2008, p. 35-109.

¹⁶ No original: “bezeugen seine maßlosen Angriffe auf den Papst, den er als geldgierigen Unheilstifter und Prasser darstellt”.

consigo a aura de outros governantes, seria como se esta tivesse sido forjada para sua cabeça: a combinação perfeita do príncipe com a coroa seria a prova cabal e absoluta de que Felipe deve governar, segundo a estratégia de persuasão adotada por Walther e identificada por Baltzer (BALTZER, 1991, p. 129). Neste sentido, podemos afirmar que “A coroa é o objeto concreto, no qual a soberania está presente. Ela é única com seu portador. Não há relação de substituição”¹⁷ (MÜLLER, 2014, p. 7).

*Diu kröne ist elter, danne der
küninc Philippes sî.
dâ mugent ir alle schouwen
wol ein wunder bî,
wie si ime der smit sô ebne
habe gemacht.
sîn keiserlîchez houbet zîmt
ir alsô wol,
daz sî zê rehte nieman guoter
scheiden sol.
ir dewederz dâ daz ander
niht enswachet.
Si lîubtent beide ein ander
an,
daz edel gesteine wider den
jungen sîezen man.
die ougenweide sehent die
fürsten gerne.
swer nû des rîches irre gê,
der schouwe, wem der weise
ob sîme nacke stê:
der stein ist aller fürsten
leitesterne. (L 18, 29)*

A coroa é mais velha que
o rei Filipe.
Por isso, vós podeis
certamente um milagre
reconhecer,
como o ferreiro tão
formosa a fez.
esta cai tão bem sua
cabeça imperial,
que ninguém as deve
separar.
nenhum enfraquece a
excelência do outro
ambos irradiam um ao
outro,
a nobre rocha junto o
jovem primoroso.
Todos olham contentes o
príncipe.
Quem está indeciso em
relação ao Império
este deve observar, a
pedra sobre sua nuca:
esta pedra é a estrela guia
de todos os príncipes.

A ênfase na coroa não é gratuita: Felipe foi coroado em Mainz e não em Aachen, e não

pelo Arcebispo de Colônia, mas por Aymon de Briançon, Arcebispo de Moultiers-Tarentaise, da Borgonha¹⁸. Otto IV, por sua vez, foi coroado em Aachen pelo Arcebispo de Colônia, segundo a tradição, mas não com a Coroa e demais insígnias dos reis e imperadores germânicos. Mas Walter não se limita aos símbolos régios – como a coroa –, uma vez que também o sangue – como herdeiro da dinastia Hohenstaufen – legitima o poder de Felipe perante Otto, pois, ao contrário desse, Felipe é filho e irmão de imperadores: “*Da gienc eins keisers brouder und eins keisers kint*” (“Ia o irmão de um imperador e o filho de um imperador”).

No Natal de 1199, na cidade de Magdeburg – palco das disputas mais acirradas entre as dinastias – Walther apresenta Felipe como digno do trono, tanto pelo corpo belo e trajado majestosamente, mas também por sua linhagem. A cantiga legitima a figura de Felipe como governante ao mencionar as insígnias do poder, cetro e coroa, sem mencionar, todavia, que Felipe fora coroado no local errado e pela mão errada (WEDDIGE, 2003, p. 88). O caráter imperial do rei é reforçado pela menção à sua “rainha bem nascida”, ou seja: a esposa de Felipe, Irene Angelina ou Irene Maria (ca. 1181 — 1208) filha do imperador bizantino Isaac II Ângelo¹⁹.

*Ez gienc eins tages als unser
herre wart geboren
von einer maget dier im zê
mouter hat erkorn*

Foi no dia em que nosso
Senhor nasceu
de uma virgem, a qual
havia escolhido para a
mãe

¹⁷ No original: “Die Krone ist der konkrete Gegenstand, in dem Herrschaft präsent ist. Sie ist eins mit ihrem Träger. Es gibt kein Ersetzungsverhältnis“. Vide, no mesmo sentido, o estudo clássico de KANTOROWICZ, 1998 e ainda CLASSEN, 1964, p. 90-101.

¹⁸ Felipe tinha o apoio da maior parte da nobreza alemã, mas de poucos representantes do alto clero. O apoio do arcebispo Aymon deve-se, provavelmente, à sua proximidade com os Stauffer, pois em 28 de julho de 1196 Henrique VI confirma os privilégios que lhe haviam sido concedidos por Frederico I, vide o resumo do documento em *Regesta Imperii*, disponível em http://regesta-imperii.digitale-sammlungen.de/seite/ri04_baa1972_0237.

¹⁹ Irene era também viúva de Roger da Sicília e seu noivado com Felipe foi uma imposição diplomática do irmão desse, Henrique VI, quando da conquista desse território aos normandos em fins do século XII.

*ze Megdeburc der künec
Philippes schone.
Da gienc eins keisers brouder
und eins keisers kint
in einer wat, swie doch die
namen drige sint,
er trouc den zepter und des
riches krone.
Er trat vil lise, im was nicht
gach,
im sleich ein bohgeborniu
küneginne nach,
rose ane dorn, ein tube sunder
gallen.
Diu zucht was niener anderswa:
die Düringe und die Sahsen
dienten also da,
daz ez den wissen mouste wol
gefallen. (L 19, 5)*

em Magdeburg o belo rei
Felipe.
Ia o irmão de um
imperador e o filho de um
imperador
com uma única túnica,
embora sejam três
nomes,
ele levou o cetro do reino
e a coroa.
ele apresentou-se muito
solenemente, ele não
tinha pressa,
atrás dele ia bem devagar
uma rainha bem-nascida,
Rosa sem espinhos, uma
pomba sem fel.
Este modo de vida não
havia em outro lugar,
os turíngios e saxônicos lá
serviam,
de modo que agradavam
ao sábio.

Não só em defesa e elogio dos Staufer cantou Walther. Destacamos aqui as estrofes do *Ottenton* em ordem cronológica: *Kaiserbegrüßung* (L 11, 30), *Botenstrophe* (L 12, 6), *Kreuzzugsmahnung* (L 12, 18) e *Papstmahnung* (L 11, 6), *Doppelzüngigkeit* (L 12, 30) e *Zinsgroschenstrophe* (L 11, 18). Os *Ottenton* iniciam-se com os versos de saudação à chegada do imperador “provavelmente por conta do seu retorno a Alemanha em 1212”²⁰ (BUMKE, 2000, p. 130). De acordo com Bumke, tratava-se de uma tentativa do trovador em retornar à corte. Ressaltamos, no entanto, que os *Ottenton* foram compostos não sob encomenda de Otto, mas a favor da alta nobreza alemã, especialmente de Dietrich Margrave de Meißen²¹.

*Got gât ze künige, swen er
wil,
dar umbe wundert mich niht
vil,*

Deus faz rei, quem ele
quiser –
isso também não me
surpreende.

*uns leien wundert umbe der
pfaffen lere.
si lerten uns bi kurzen tagen,
daz wellents uns nû
widersagen.
nû tuons dur got und dur ir
selber êre
und sagen uns bi ir triuwen,
an welcher rede wir sîn
betrogen,
vol rechen uns die einen wol
von grunde,
die alten ê die niuwen.
uns dunket einez sî gelogen,
zwo zungen stânt unebne in
einem munde. (L 12, 30)*

a nós laicos surpreende, o
comando dos clérigos:
O que recentemente nos
ensinam
agora nos revogam.
Para a glória de Deus e do
seu próprio benefício eles
devem nos dizer
honestamente,
com quais palavras somos
enganados
e devem nos explicar
embasadamente
a velha ou a nova
doutrina.
Porque uma das duas,
parece-nos, mentir –
duas línguas não cabem
em uma boca.

Novamente, Walther critica a intromissão do papa nos assuntos do império, já que, após haver favorecido Otto na sua disputa contra Felipe, Inocêncio III retira esse apoio e declara, em 1210, o anátema sobre Otto, que não havia cumprido suas promessas em relação aos territórios de interesse da igreja na Itália. Em seus versos Walther explora essa aparente contradição do papa, omitindo a situação histórica que a gerou, criando, segundo Baltze, uma convincente estratégia de persuasão para denegrir o papado (BALTZE, 1991, p.127).

Posteriormente, porém, no *Friedrichston* (L 26, 33), Walther volta a tomar o partido dos Staufen ao criticar sarcasticamente o imperador Otto em oposição ao rei Frederico II, representante da dinastia.

*ich wolte bérn otten milte
nâch der lenge mezzen
dô hât ich mich an der mâze
ein teil vergezzen*

eu tentei medir a
generosidade do Senhor
Otto por sua altura
assim, me perdi um pouco
na justa medida da parte

²⁰ No original: “bei seiner Rückkehr nach Deutschland im Frühjahr 1212 – feierlich begrüßt”.

²¹ Nessa interpretação Bumke (2000, p. 130) segue o argumento defendido por Hatto. Para uma crítica a essa linha de argumentação vide WELLS, 1978, p. 482ss.

*war er sô milt als lanc er hete
tugende vil besezzēn
vil schiere maz ich abe den lîp
nâch sîner êre
dô wart er vil gar ze kurz als
ein verschrôten werk
miltes muotes minre vil danne
ein getwerē
und ist doch von den jâren
daz er niht wahset mêre
do ich dem künige brâhte daz
mez wie er ûf schôz
sîn junger lîp wart beide
michel unde grôz
nû seht waz er noch wahse
erst ietze über in wol risen
grôz. (L 26, 33)*

fosse ele tão generoso
quanto alto, teria mais
virtudes
muitas vezes medi seu
corpo por sua
generosidade
ele fora mais curto do que
pano mal cortado
coração mais atrofiados
do que um anão
e não irá mais crescer com
os anos
quando apresentei-me ao
rei, como ele cresceu
seu corpo juvenil era forte
e alto
e veja agora o quanto ele
pode crescer,
transformar-se em um
gigante

Na estrofe acima podemos perceber a total assimetria entre o corpo do imperador e as virtudes que este deveria possuir: embora alto, Otto é desprovido de generosidade. Já o rei Frederico demonstra em seu corpo todo o potencial para destacar-se como bom governante. Se na corte de Otto, Walther não obteve maiores favores, seus elogios ao rei Frederico II, ao que tudo indica, surtem efeito, na medida em que recebe desse o almejado feudo e não precisa mais vagar a procura de sustento.

*Ich hân mîn lēhen, al die
werlt, ich hân mîn lēhen.
nû enführte ich niht den
hornunc an die zēhen,
und wil alle boese hēren
dester minre flēhen.
der edel künec, der milte
künec hât mich berâten,
[...] (L 28, 31)*

Eu tenho o meu feudo, a
todo o mundo, eu tenho o
meu feudo!
Agora eu não temo mais
congelar os dedos dos pés
em fevereiro,
e mendigarei menos aos
mesquinhos senhores.
O nobre rei, o rei
generoso, me proveu

Mas, voltando à questão inicial, teria sido mero oportunismo que faz nosso autor trocar seu apoio de Otto para Frederico? Pensamos que não, pois a tomada de posição de Walther a favor

de Frederico é anterior ao recebimento do feudo, mencionado no trecho acima (datação provável 1220; HATTO, 1949, p. 553). O mais provável é que Walther, como muitos dos seus contemporâneos, tenha – com o desgaste ao que estava submetido o governante Welf – voltado novamente o seu apoio para um representante da dinastia Hohenstaufen, coerentemente com sua posição inicial, se lembrarmos que o seu apoio – tardio – a Otto só se manifestou após o assassinato de Felipe da Suábia, em um momento em que Otto era o governante único do império: daí também o seu tom favorável ao Welf, visto como esperança de unificação do reino e fim da ingerência papal.

No entanto, nesse caso, restaria a questão inicial: por que apoiar Felipe e não Otto? Nesse ponto, em geral, tem sido lembradas questões como a origem de Walther na região meridional do império²², tradicional reduto dos Staufen. No entanto, parece-nos, um elemento ao qual tem sido dada pouca importância é ao fato de Otto haver crescido na Corte da Inglaterra, sob os cuidados de seu avô, Henrique II Plantageneta, e da proximidade que manteve com essa dinastia ao longo de toda a sua vida. O apoio dos Plantagenetas, principalmente com Ricardo Coração de Leão e João sem Terra, foi decisivo tanto para garantir a Otto o apoio da elite da cidade de Colônia, a maior e mais rica do reino, cujas estreitas relações comerciais e diplomáticas com a Inglaterra são bem conhecidas (cf. HÖHLBAUM, 1883; BUSZELLO, 1971; HUFFMAN, 2002). O apoio de Colônia – e dos demais comerciantes alemães engajados no *Englandhandel* (comércio com a Inglaterra) (THORAU, 2003, p. 1571) – também foi decisivo para garantir o suporte do arcebispo de Colônia, um dos principais articuladores do grupo anti Hohenstaufen. As derrotas de João sem Terra para Felipe Augusto acabaram afetando o prestígio – e o

²² Embora haja poucos indícios para definir essa origem com precisão, vide, por exemplo, BEIN, 1997, p. 32-33. O início da carreira de Walther em Viena, no entanto, está bem documentado, vide, por exemplo, GIBBS; JOHNSON, 2002, p. 260 e 267.

financiamento inglês – de Otto, sendo um dos elementos responsáveis pela sua derrota final frente a Frederico II (especialmente após a vitória dos franceses e seus aliados em Bouvines). O apoio da dinastia Plantageneta ao governante Welf foi decisivo também para a renovação da aliança entre os Staufen e os Capetíngios (THORAU, 2003, p. 1571), um dos fatores decisivos para a entrada do Império nos conflitos entre França e Inglaterra que desembocariam na Guerra dos Cem Anos.

A proximidade de Otto IV com os Plantagenetas – tendo crescido na Inglaterra – poderia explicar, eventualmente, as simpatias, e o engajamento inicial, de Walther por Felipe da Suábia. Essa interpretação é tanto mais verossímil se pensarmos que, das cantigas que Walther compôs no curto período em que encontramos sua postura favorável a Otto – os chamados *Ottenton* –, a maior parte pode ser considerada mais anti-papal que pró Otto, como sintetizado por Arthur Hatto:

É possível perceber que a tendência geral dos poemas na sequência [dos *Ottenton*] é (11,6) anti-papal e, em segundo lugar pró-imperial; (11,18) anticlerical e em segundo lugar pró-imperial; (11,30) a favor dos príncipes e explicitamente o Margrave de Meissen, embora dirigida ao imperador; (12,6 e 12, 18), a favor de uma cruzada e dirigida ao imperador; (12,30) anti-papal²³ (HATTO, 1949, p. 543).

A diferença de tom entre os *Ottenton* e os *Philipston* é marcante, já que nesses últimos a

defesa de Felipe é aberta, diferentemente do que Hatto chama a ‘frieza’ (*coldness*) de Walther em relação a Otto, sendo que, a serviço desse imperador a tônica clara é colocada na crítica ao papa e ao clero: “se ele [Walther] não podia amar Otto, pelo menos podia odiar os inimigos de Otto”²⁴ (HATTO, 1949, p. 547).

O que permanece bastante consistente na obra de Walther, tal como analisada aqui, é a questão da postura não apenas anti-papal, mas também anti-clerical, além da defesa da terra natal “Von der Elbe unz an den Rin” (“Desde Elba até o Reno”, *Preislied*, L 56, 14) e dos seus habitantes “Tiusch” (“alemães”)²⁵ não apenas contra o papa, mas também contra “foreign hands”, como Len Scales aponta a propósito de outro escritor do século XIII, Jans Enikel (SCALES, 2012, p. 515). Aliás, na *Weltchronik* de Enikel encontramos uma crítica igualmente virulenta ao papado: é vendendo sua alma ao diabo que um pobre homem consegue chegar a papa e tornar-se rico e poderoso (DUNPHY, 2003, p. 105).

Em Walther von der Vogelweide a crítica ao papado vai além da questão da intervenção nos assuntos do império e envolve toda uma noção de exploração da população – pelo papa e pelo “senhor ofertório”²⁶ – cujos ecos longínquos podem ser encontrados alguns séculos mais tarde nos embates entre Lutero e o dominicano Johann

Tetzel (1465-1519) sobre a venda de indulgências. A questão das investiduras

²³ No original: “It will be observed that the general tendency of the poems in the above order [dos *Ottenton*] is (11.6) anti-papal and in the second place pro-imperial; (11,18) anti-clerical and in the second place pro-imperial; (11,30) pro the princes and explicitly the margrave of Meissen though addressed to the emperor; (12,6 and 12, 18) in favor of a crusade and addressed to the emperor; (12,30) anti-papal”. O tema das cruzadas – e da religiosidade – é caro a Walther von der Vogelweide, que também compôs poesia – e canções – religiosas, vide, por exemplo, GIBBS; JOHNSON, 2002, p. 235, 238, 276s.

²⁴ No original: “if he [Walther] could not love Otto, he could at least hate Otto’s enemies”.

²⁵ Sobre a origem e as modificações do conceito de alemão e alemães na Idade Média vide THOMAS, 1997, p. 27-35. Sobre uma utilização próxima à moderna desse conceito por Walther von der Vogelweide vide THOMAS, 1997, p. 33.

²⁶ A crítica e preocupação com o destino dos recursos recolhidos em prol da Cruzada não é exclusiva de Walther, vide, por exemplo, MORTON, 2011, p. 63s.

enfraqueceu e fragmentou ainda mais a Alemanha e o Sacro Império, mas também o papado saiu desgastado dessas disputas (HERNANDO, 1996, p. 43), o que tem relação direta com o sucesso de 'hereges' como Lutero e tantos outros no século XVI.

Além disso, a produção de Walther inspirou uma sequência de recepções, principalmente no que tange a temática do nacionalismo. A mais proeminente é a canção de Heinrich Hoffmann von Fallersleben – "*Lied der Deutschen*" (26.08.1841), declarada como hino por Friedrich Ebert em 11 de agosto de 1922 –, a qual recepciona a *Preislied*, L 56,14 de Walther. Em Fallersleben fica evidente o contexto histórico do século XIX, visto que "a fórmula fluente "Alemanha acima de tudo" [*Deutschland über alles*] e "Unidade e Direito e Liberdade" [*Einigkeit und Recht und Freiheit*] espelhava o patriotismo das guerras de libertação" (GRAFETSTÄTTER, 2014, p. 73)²⁷.

Neste sentido, podemos afirmar que a importância da poesia de Walther reside em seu potencial político: "a forma, como a política transforma-se em poesia, como, com argumentos poéticos, o efeito político é alcançado"²⁸ (BUMKE, 2000, p. 130). O trovador é um observador cuidadoso dos embates políticos e suas cantigas são fontes inestimáveis para a compreensão de sua época e de ressignificações posteriores.

Referências

AURELL, Martin. Rapport introductif. In: AURELL, M. (Ed.). *Convaincre et persuader*. Communication et propagande aux XIIe et XIIIe siècles. Poitiers: Centres

d'études supérieures de civilisation médiévale, 2007, p. 11-51.

BALTZER, Ulrich. Strategien der Persuasion in den Sangsprüchen Walthers von der Vogelweide. *ZfdA* 120, 1991, p. 119-139.

BEIN, Thomas. *Walther von der Vogelweide*. Stuttgart: Reclam, 1997.

BRANDT, Rüdiger. Grundkurs germanistische Mediävistik Literaturwissenschaft. München: Wilhelm Fink, 1999.

BRUNNER, Horst. Geschichte der deutschen Literatur des Mittelalters im Überblick. Stuttgart: Philipp Reclam, 2007.

BÜHRER-THIERRY, Geneviève; DESWARTE, Thomas. *Pouvoirs, Église et société*: France, Bourgogne, Germanie (888-XIIe siècle). Paris: Editions Sedes, 2009.

BUMKE, Joachim. Geschichte der deutschen Literatur im hohen Mittelalter. 4ª edição. München: DTV, 2000.

BUMKE, Joachim. Walter von der Vogelweide. In: HELLMANN, B. (org.). *Lebendiges Mittelalter*. München: DTV, 1996, p. 298-306.

BUSZELLO, Horst. Köln und England (1468-1509). In: STEHKÄMPER, H. (org.). *Köln, der Rhein und das Reich*. Beiträge aus fünf Jahrzehnten wirtschaftsgeschichtlicher Forschung (Mitteilungen aus der Historischesarchiv der Stadt Köln, 60). Köln; Wien: Mitteilungen aus dem Stadtarchiv von Köln, vol. 60, 1971.

CAMARGO, Cássio Michel dos Santos; ALVES, Rafael Souza. Ditadura, Repressão e Música no Chile. *Oficina do Historiador*, v. 3, p. 112-125, 2011. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/view/8861/6471>
Acessado em: 27 junho de 2016.

CHÉDEVILLE, André. *La France au moyen âge*. Paris: PUF, 1996.

CLASSEN, Peter. Corona imperii. Die Krone als Inbegriff des Römisch-Deutschen Reiches im 12. Jahrhundert. In: CLASSEN, P.; SCHEIBERT, P. (org.).

²⁷ No mesmo sentido vide BEIN, 1997, p. 264. Esse último lembra ainda que: "Artistas de alta reputação, cujo trabalho é espelho (ou espelho distorcido) de uma época, podem ser mal utilizados por políticos, se o seu trabalho é útil (ou pode ser tornado útil) para suas finalidades. O nazismo também não poupou Walther a este respeito" (BEIN, 1997, p. 254, no original: "Künstler von hohem Rang, deren Werk Spiegel (oder auch Zerrspiegel) einer Epoche ist, können von Politikern missbraucht werden, wenn nur das Werk ihren Zwecken dienlich ist (oder dienlich gemacht werden kann). Der Nationalsozialismus hat auch Walther in dieser Hinsicht nicht verschont"); mas seria um tema para outro artigo.

²⁸ No original: "die Art, wie Politik in Dichtung umgesetzt ist, wie mit poetischen Mitteln politische Wirkung erreicht wird."

Festschrift Percy Ernst Schramm. Wiesbaden: Steiner Verlag, 1964, p. 90-101.

COLISH, Marcia L.. *Medieval Foundations of the Western Intellectual Tradition*. New Haven and London: Yale University Press, 1999.

CONTAMINE, Philippe. *La guerre de Cent Ans*. Paris: Seuil, 1992.

Der Wartburgkrieg. Organizado e comentado por Karl Simrock. Stuttgart; Augsburg: J.G Cotta'scher Verlag, 1858.

DUNPHY, Graeme (ed.). *History as Literature: German World Chronicles of the Thirteenth Century in Verse*. Introduction, translation and notes by Graeme Dunphy. Kalamazoo: Medieval Institute Publications, 2003.

GAUVARD, Claude. Qu'est-ce que l'opinion avant l'invention de l'imprimerie. *Rendez-vous de l'Histoire* (Blois, 2007). Editions Pleins Feux, 2008.

GIBBS, M. E., JOHNSON, S. M. (ed.). *Medieval German Literature*. London: Routledge, 2002.

GRAFETSTÄTTER, Andrea. Relações literárias franco-germânicas como origem do Hino Nacional Alemão? *Brathair*, 14 (2), p. 67-78, 2014. Disponível em: <http://ppg.revistas.ucma.br/index.php/brathair/article/view/900/778> Acessado em: 16 de julho de 2016.

HATTO, Arthur. Walther von der Vogelweide's Ottonian Poems: A New Interpretation. *Speculum*, Vol. 24, No. 4, 1949, p. 542-553.

HEINEN, Hubert. Minnesang. In: JEEP, J. M. (ed.). *Medieval Germany. An encyclopedia*. New York, London: Garland publishing, 2001, p. 525-531.

HERNANDO, Máximo Diago. *El imperio en la Europa Medieval*. Madrid: Arco Libros, 1996.

HÖHLBAUM, Konstantin. Kölns älteste Handelsprivilegien für England. *Hansische Geschichtsblätter*, vol. 11, 1882, p. 41-50.

HUFFMAN, Joseph P. *Family, commerce and religion in London and Cologne: Anglo-German Emigrants, c. 1000-c. 1300*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

KANTOROWICZ, Ernst H. *Os dois corpos do rei: um estudo sobre a teologia política medieval*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

KLEINE, Marina. Afonso X e a legitimação do poder real nas 'Cantigas de Santa Maria'. *Anos 90* (UFRGS), Porto Alegre, v. 16, p. 51-69, 2002. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/anos90/article/viewFile/6225/3716>. Acessado em: 27 de junho de 2016.

KLEINE, Marina. El carácter propagandístico de las obras de Alfonso X. *De Medio Aevo*, v. 2/2, p. 1-42, 2013. Disponível online em <http://capire.es/eikonimago/index.php/demedioaevo/article/view/87/127> Acessado em: 18 de julho de 2016.

LACHMANN, Karl. *Die Gedichte Walthers von der Vogelweide*. Berlin: Georg Reimer, 1827.

MACEDO, José Rivair. O Problema do Patriotismo e do Nacionalismo Francês na Idade Média e o Quadrilogue Investif de Alan de Chartier. *Revista da UMC*, v. 2, n. 1, 1990, p. 50-56.

MELLO, José Roberto de Almeida. Poesia política e relações anglo-francesas no século XIII. *Revista de História da USP*, n. 119, 1988, p. 199-212. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18580> Acessado em 18 de julho de 2016.

MIETHKE, Jürgen. Die 'Konstantinische Schenkung' in der mittelalterlichen Diskussion: Ausgewählte Kapitel einer verschlungenen Rezeptionsgeschichte. In: GOLTZ, Andreas; SCHLANGE-SCHÖNINGEN, Heinrich (org.). *Konstantin der Große*. Das Bild des Kaisers im Wandel der Zeiten. Köln: Böhlau Verlag, 2008, p. 35-109.

MORTON, Nicholas. Subsidium: The Declining Contribution of Germany and Eastern Europe to the Crusades to the Holy Land, 1221-91. *Bulletin of the German Historical Institute London*, vol. 33, nr. 1, 2011, p. 38-66.

MÜLLER, Jan-Dirk. *König Philipp und seine Krone: Über Fremdheit und Nähe mittelalterlichen Dichtens und Denkens*. Berlin: Akademie Verlag, 2014.

NOVIKOFF, Alex. Licit and Illicit in the Rhetoric of the Investiture Conflict. In: KARRAS, Ruth Mazo; KAYE, Joel; MATTER, E. Ann (ed.). *Law and the Illicit in Medieval Europe*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2008, p. 183-196.

RUH, Kurt. Walther von der Vogelweide. In: *Verfasserlexikon: Die deutsche Literatur des Mittelalters*. VI. 10: Ulrich von Lilienfeld - >Das zwölfjährige Mönchlein<. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 2010, p. 665-698.

SCALES, Len. *The Shaping of German Identity: Authority and Crisis, 1245-1414*. Cambridge, Cambridge University Press, 2012.

SCHULZE, Ursula. Spruchdichtung. A. Deutsche Literatur. In: *Lexikon des Mittelalters*, VII, München: DTV, 2003a, p. 2143-2147.

SCHULZE, Ursula. Walter von der Vogelweide. In: *Lexikon des Mittelalters*, VIII, München: DTV, 2003b, p. 2004-2007.

THOMAS, Heinz. Sur l'histoire du mot 'Deutsch' depuis le milieu du XIIe siècle jusqu'à la fin du XIIIe siècle. In: BABEL, Rainer; MOEGLIN, Jean-Marie (Org.). *Identité régionale et conscience nationale en France et en Allemagne du Moyen Âge à l'époque modern*. (Deutschen Historischen Institut Paris, BEIHEFTE DER FRANCIA, Band 39). Sigmaringen: Jan Thorbecke Verlag, 1997, p. 27-35.

THORAU, Peter. Otto IV. In: *Lexikon des Mittelalters*, VI, München: DTV, 2003, p. 1570-1572.

THROOP, Palmer A. Criticism of Papal Crusade Policy in Old French and Provençal. *Speculum*, Vol. 13, No. 4, Oct. 1938, p. 379-412.

VOGELWEIDE, Walther von der. *Codex Manesse* (1300-1340), UB Heidelberg, Cod. Pal. germ. 848, fol. 124r, Herr. Disponível em: <http://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/cpg848/0243> Acesso em 18/07/2016

VOGELWEIDE, Walther Von Der. *Werke*. Band 1: Spruchlyrik. Mittelhochdeutsch/Neuhochdeutsch. Organizado por Günther Schweikle. Stuttgart: Reclam Verlag, 1994.

WACHINGER, Burghart. 'Der Wartburgkrieg'. In: *Verfasserlexikon: Die deutsche Literatur des Mittelalters*. VI. 10. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 2010, p. 740-766.

WEDDIGE, Hilbert. *Einführung in die germanistische Mediävistik*. München: C. H. Beck, 2003.

WELLS, David A. Imperial Sanctity and Political Reality: Bible, Liturgy, and the Ambivalence of Symbol in Walther von der Vogelweide's Songs under Otto IV. In: *Speculum*, Vol. 53, No. 3 (Jul., 1978), p. 479-510.